

Mulheres teóricas na história da sociologia

Fernanda Henrique Cupertino Alcântara¹

Eliana Debia²

Giulle Adriana Vieira da Mata³

Andrea Ozamiz⁴

Em solução de continuidade com as atividades do Grupo de Pesquisa do CNPq “Teóricas clássicas e Sociologia”, este Dossiê responde ao interesse de longo prazo na divulgação e socialização de informações sobre as mulheres escritoras que contribuíram para a constituição da Sociologia. Este esforço ganhou corpo com a criação do *Curso de Extensão 200 anos de Sociologia*, promovido pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com o apoio da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), no qual teóricas(os) do século XIX foram revisitadas(os) por muitas(os) convidadas(os) ao longo de dois anos (2021–2023). Como produto dos diálogos e trocas vividos nestes ambientes e em razão dessas experiências (incluindo a Rede Clássicas, composta por investigadoras da temática), surgiu a proposta de reunirmos não apenas produtos audiovisuais de fácil acesso e de uso livre, como também artigos científicos que sistematizassem o investimento em pesquisas na área.

Os textos que as(os) leitoras(es) terão a oportunidade de conhecer remetem a trabalhos de autoras cujo pensamento e pesquisa estavam circulando na época em que a Sociologia nasceu, foi moldada e institucionalizada como um novo conhecimento. A leitura convida à reflexão sobre duas questões fundamentais

¹ Professora Associada IV, da UFJF, Campus de Governador Valadares, e Professora Colaboradora do PPGD, UNIRIO. Graduada em Ciências Sociais pela UFJF, mestrado e doutorado em Sociologia pelo IUPERJ/RJ.

² Es becaria doctoral del CONICET en el Instituto de Investigaciones Gino Germani de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de Buenos Aires (IIGG-FSOC-UBA). Magister en Ciencias Sociales y Humanidades por la Universidad Nacional de Quilmes (UNQ). Socióloga y Abogada por la Universidad de Buenos Aires (UBA).

³ Professora de Sociologia e Teoria Política na Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas.

⁴ Profesora Adjunta de la Carrera de Sociología del Instituto de Cultura Sociedad y Estado de la Universidad Nacional de Tierra del Fuego, Antártida e Islas del Atlántico Sur, UNTDF. Graduada en Sociología, Tesista de la Maestría en Estudios Latinoamericanos de la Uncuyo.

AUTORIA: SUBSTANTIVO FEMININO

segundo Nicole Holzhauser (2023): Qual foi a contribuição das mulheres na história da Sociologia (e das Ciências Sociais)? Como essas contribuições enriquecem a Sociologia na atualidade?

O termo “clássicas”, hoje em disputa, pode compreender duas percepções distintas: a primeira, que remete à recepção, ao ser reconhecida como uma clássica pelo campo, por seus usos e referências (ALEXANDER, 1999; HOLZHAUSER, 2021); e a segunda, que busca a localização histórica, no período fundacional e de institucionalização da disciplina (CONNELL, 1997; 2019; BURAWOY, 2021; GARCIA e MARTINS, 2019; CASTILLO, 2001; ALCÂNTARA, 2022; CASTRO, 2022; DEBIA, OZAMIZ e LOBATO, 2016; NAVARRO-FOSAR, 2021; MAIA, 2023; CARVALHO e KLEIN, 2023; OLIVEIRA, 2023; SANTANA, 2021).

Neste processo de problematização do uso naturalizado do termo “clássica” e da reificação da “recepção” (como se esta fosse definida por elementos objetivos) (CONNELL, 1997; ALATAS e SINHA 2023), trazer à baila a contribuição das teóricas historicamente localizadas, permite a superação do enredo dogmático, fundado no colonizado discurso de autoridade, alheio ao conhecimento assentado por tal legado e das influências em seu circuito intelectual ou sobre as gerações que se seguiram (GRÜNING e SANTORO, 2021; CARVALHO e KLEIN, 2023). Deste modo, promove o deslocamento do olhar, orientado pela perspectiva histórica acerca da constituição da Sociologia, como ciência e como disciplina, impossibilitando e desmistificando o uso de desclassificações, que infundadamente identificam as mulheres como *outsiders* na história da Sociologia (ARANGO, 2005) e as marginalizam institucionalmente, assim como desqualificam o próprio debate como “revisionista” (CARVALHO e KLEIN, 2023). Ou, como Güereca Torres (2016) também argumenta, uma sociologia ciclópica (aludindo ao mito grego) foi produzida e reproduzida, ou seja, uma sociologia construída por meio do olhar masculino.

Por conseguinte, o mesmo processo de problematização dissipa o desconhecimento sobre tais obras e autoras, que cimenta a advocacia contrária no não reconhecimento da objetividade dos dados apresentados quanto à quantidade, qualidade, especificidade, repercussão e reconhecimento de tais teóricas, bem como de seus trabalhos, entre seus contemporâneos e a geração que se seguiu (LENGERMANN e NIEBRUGGE, 2019; BURAWOY, 2021; GARCIA e MARTINS, 2019; CASTILLO, 2001; HILL, 2004; DEEGAN, 1991). Equivale a dizer que para se responder a tais

AUTORIA: SUBSTANTIVO FEMININO

provocações é nevrálgico que a academia se debruce e reflita sobre este período histórico fundacional, investigando e mapeando as publicações e seus respectivos conteúdos, afastando qualquer intento conservador de uma “resposta refratária” e “antissociológica” por desconhecimento, ao mesmo tempo em que reconhece a resistência que se pretende fundada num olhar científico descolonizado (CARVALHO e KLEIN, 2023). Inobstante, também é requisito basilar promover a reflexão sobre o próprio processo discricionário de recepção e da não problematização sociológica deste fato que está fartamente documentado e acessível (CONNELL, 1997; 2019; BURAWOY, 2021; DUFOIX, 2022).

É em relação à primeira pergunta de Holzhauser (2023) que o Dossiê se coloca como estratégia para o enfrentamento da forma seletiva como o conhecimento produzido por mulheres foi ou é processado nas Ciências Sociais, uma vez que o objetivo aqui é demonstrar como objetos, perspectivas e questões se transformam quando abordados a partir da condição feminina enquanto conhecimento situado e relacional que se produz na base de seus diferentes contextos e experiências (HARAWAY, 1991; VIEIRA Da MATA, 2021, 2023; ESTERMANN e DEBIA, 2023; ALCÂNTARA, 2021). Dedicados à “autoria enquanto substantivo feminino”, os textos que compõem o Dossiê permitirão à(ao) leitora(r) reconsiderar os termos das teorias, a forma como são feitos os recortes dos temas, a prevalência de certos métodos e mesmo os resultados de investigações consagradas a partir do argumento dessas autoras (CONNELL, 1997; 2019; ALATAS e SINHA, 2023; SANTANA, 2020).

A proposta do Dossiê surgiu das necessidades e constatações citadas, mas também do interesse em reunir conteúdo a ser publicado e disponibilizado em um periódico científico *open source*, ocupando a agenda acadêmica, chamando a atenção para possibilidades de diálogo associada à ampliação dos recursos teóricos, metodológicos e também pedagógicos já disponíveis, porém, ignorados pelo *mainstream* sociológico. Tal condição remete à necessidade de confrontar a *violência simbólica e epistemológica* (BOURDIEU, 2020; BOURDIEU e PASSERON, 2014; DEBIA, 2019) sofrida por mulheres teóricas, que foram apagadas da história da Sociologia. Nesse sentido, tanto as teóricas apresentadas no Dossiê quanto as pessoas que pesquisam essas autoras se colocam ao lado de autoras(es) como Arango (2005), Deegan (1991), Lengermann e Niebrugge (2019), que têm insistido na denúncia do apagamento, e outros como Alatas e Sinha (2023),

AUTORIA: SUBSTANTIVO FEMININO

Santana (2020), Hill (2004), Garcia e Martins (2019) e Castro (2022) que reclamam um lugar para essas mulheres na história da disciplina descanonizada ou no mesmo cânone (CARVALHO e KLEIN, 2023; ALCÂNTARA, 2021, 2022).

Parte deste confronto entre o que está naturalizado e o que pode ser apurado, identificado e mapeado por pesquisas sociológicas, por si só, já permite algum resultado e mudanças na forma como o ensino de Sociologia é (re)produzido na atualidade, bem como o arcabouço teórico e metodológico manuseado para a realização das pesquisas científicas no campo. Todavia, o longo processo de formação a partir de uma perspectiva dogmática de canonização de autores (todos homens, brancos, europeus e heterossexuais) deixou um legado de rejeição ao questionamento sobre como a (re)produção do conhecimento sociológico ocorre, passando pela “recepção” (na condição de escolha discricionária e sequer justificada, sobre os eleitos), o ensino (os instrumentos político-pedagógicos e institucionais mobilizados para a formação das novas gerações) e a atividade editorial (envolvendo a publicação de manuais, traduções, coletâneas e artigos científicos) (MAIA, 2012, 2023; OLIVEIRA, 2023; CARVALHO e KLEIN, 2023; MEUCCI, 2001). Estes elementos seguem conectados por uma linha tênue que age legitimando o elemento anterior num circuito que ganha vida própria, sendo reificado diuturnamente pelas atividades do campo acadêmico com suas conhecidas relações de saber-poder submetendo outros saberes que não se ajustam ao considerado legítimo e válido dentro de um dado campo (FOUCAULT, 2017). Por essa razão, é muito importante celebrar esforços, que nadam contra corrente, voltados para a divulgação acadêmica de textos originais ou da teoria de mulheres teóricas, como podemos observar em algumas publicações recentes (GARCIA e MARTINS, 2019; CASTRO, 2022; DAFLON e SORJ, 2021; DAFLON e CAMPOS, 2022).

Além da reunião de material para consulta, apoio e incentivo ao debate sobre o tema, o Dossiê buscou reunir pesquisadoras(es) que têm se dedicado a investigar teorias, conceitos e legados de mulheres teóricas clássicas e contemporâneas, de maneira que se levantasse o “estado da arte” acerca dos avanços desta agenda de pesquisa e, ao mesmo tempo, se constituísse como fonte de material para ensino e pesquisa. Por essa razão, a chamada para o Dossiê teve ampla divulgação, buscando alcançar e representar a pluralidade de visões acerca do tema, ainda que ciente das

AUTORIA: SUBSTANTIVO FEMININO

limitações inerentes ao processo. Embora o resultado final não tenha promovido um “estado da arte”, proporcionou reflexões sobre questões conceituais, contribuições e a relação entre obras que, embora não reflitam propriamente aquele retrato esperado, fornecem exemplos de como tais autoras e obras podem ser apropriadas na pesquisa e no ensino nas Ciências Sociais. Por outro lado, os textos aqui reunidos passam a colaborar para o debate pretendido acerca da caracterização, do papel e das condições de produção teórica usufruídos por mulheres ao longo da história da produção do conhecimento científico, fosse ele a Filosofia Social, a Ciência Social (nos primórdios do debate sobre a Ciência da Sociedade) ou Ciências Sociais (na concepção da nossa tradição moderna), a teoria sociológica ou o pensamento social (ALCÂNTARA, 2022).

Essa perspectiva aparece representada na estrutura deste número, contemplando duas traduções e três artigos. Some-se a isso a diversidade dos assuntos abordados, sobre os quais falaremos brevemente a seguir, da formação e área de atuação das(os) colaboradoras(es). Essa estrutura buscou valorizar o papel das traduções no impulso à disseminação de informações e circulação de obras ainda não disponíveis em nossa língua materna.

No caso das traduções aqui apresentadas, são textos originalmente publicados na língua inglesa e agora disponibilizados na língua espanhola. A primeira tradução foi realizada pela pesquisadora Eliana Debia, do Instituto de Investigaciones Gino Germani, da Universidade de Buenos Aires (IIGG-UBA/CONICET), Argentina, colaborando com um texto menos conhecido, de Mary Wollstonecraft (1759-1797). Trata-se de um fragmento do texto *“Uma visão histórica e moral da origem e do progresso da Revolução francesa e o efeito que produziu na Europa”*, originalmente publicado em 1794. Esta importante autora é uma grande referência para os estudos feministas. Inobstante esse seja um dado inconteste e Wollstonecraft tenha sido contemplada com várias edições, no Brasil, do seu principal livro, *Reivindicações dos direitos das mulheres*, ainda não é amplamente conhecida por seu legado para o feminismo e a análise da sociedade. Mesmo o seu histórico e bem fundamentado embate com Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), que poderia ilustrar claramente como os clássicos das Ciências Sociais consideravam o gênero oposto, é ignorado pela bibliografia e pelo ensino na área de Filosofia e Ciências Sociais.

AUTORIA: SUBSTANTIVO FEMININO

Na sequência, a segunda tradução foi produzida pela pesquisadora Maria-Rocío Navarro-Fosar, da Universidade Nacional de Educação a Distância (UNED), da Espanha, e resgata um texto do professor norteamericano Michael R. Hill, que se constitui numa grande referência no estudo e editoração da obra de Harriet Martineau (1802–1876), Charlotte Perkins Gilman (1860–1935) e de Jane Addams (1860–1935). O artigo em questão é *“Empirismo e Razão na Sociologia de Harriet Martineau”*, publicado originalmente em 1989, abordando características que o autor considera serem relevantes na compreensão da obra martineauiana. Michael R. Hill e sua companheira Mary Jo Deegan desenvolveram vários estudos e realizaram um conjunto importante de publicações de artigos e livros que denunciam o apagamento e silenciamento das mulheres teóricas clássicas (HILL, 2004; DEEGAN, 1991; HILL e HOECKER-DRYSDALE, 2001).

Somado às traduções, o Dossiê trouxe o artigo de autoria de Breno Bertoldo Dalla Zen, da Universidade de Caxias do Sul (UCS), Brasil, sob o título *“Harriet Martineau e a observação dos costumes: das críticas de Rousseau aos relatos de viagens à proposta de um método”*. Neste trabalho, o autor se utiliza da teoria de Harriet Martineau para ilustrar e confrontar a perspectiva rousseauiana de modo inovador, abordando a sistematização do método de observação social elaborado pela autora em sua obra seminal, *Como observar: morais e costumes*, de 1838 (MARTINEAU, 2021).

Por sua vez, o tema *“Charlotte Perkins Gilman, pioneira da sociologia: seu legado para teorizar sobre gênero, corpos e artefatos”*, de autoria de Olga Sabido Ramos, da Universidade Autônoma do México – Azcapotzalco (UAM), México, apresenta a teoria de Gilman (1860–1935) e vincula a produção desta autora a outras teóricas clássicas e contemporâneas, incorporando o recorte de gênero na pesquisa que fundamentou o trabalho. Concomitantemente, abre o debate com autores clássicos, tanto os canonizados quanto os esquecidos.

Já o terceiro artigo, assinado por Nathalia de Carvalho Terra, da Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil, sob o título *“Mulheres e classe na análise sociológica: um olhar sobre o pensamento de Alexandra Kollontai (1872–1952)”*, traz a teórica e militante Kollontai em contraponto com teóricos e teóricas socialistas e comunistas do século XIX. Além disso, realiza uma análise da discussão acerca do apagamento das mulheres na história das Ciências Sociais, bem

AUTORIA: SUBSTANTIVO FEMININO

como sobre a canonização de um grupo pequeno de autores da segunda metade do século XIX.

Por fim, algumas palavras de encerramento. Há que se dar notícia da existência dessas autoras e de seus trabalhos. Sem essa identificação e debate ampliado não teremos como promover o reconhecimento de suas obras que possuem conteúdo "sociológico" e quais dentre elas se impõem enquanto "clássico", mesmo às expensas do cânone e seu sistema. Ou seja, a tarefa é mais complexa do que se concebe e parece inegável que a politização acerca dos processos de entrada nas universidades, as políticas afirmativas e os movimentos sociais implicaram também em um processo de politização dos currículos e na demanda por outras atividades dentro das instituições de ensino superior (DUFOIX, 2022; CARVALHO e KLEIN, 2023). Impende também lembrar que este não é um movimento apenas das Ciências Sociais, mas que pode ser verificado de modo muito fortalecido na Filosofia (HENNEMANN e LESSA, 2022).

Se é assim, falta considerar a segunda pergunta de Holzhauser (2023): Como as obras dessas mulheres enriquecem a Sociologia na atualidade? Não há como responder a essa questão sem encararmos o apagamento sistemático das mulheres e de suas obras. É o que temos aprendido com as referências e estudos citados anteriormente, mas também no contato com a obra de Harriet Martineau, em comparação com a de Auguste Comte, Émile Durkheim e Alexis de Tocqueville. Ou a perspectiva de Flora Tristan em relação a Karl Marx e Friedrich Engels, por exemplo. Por essa razão, a insistência para o reconhecimento acerca da necessidade de pesquisas e visibilidade de autoras e obras superando a atitude refratária envolta numa sensação de ameaça ao cânone instituído. Assim como não cabe uma apresentação das teóricas clássicas do século XIX a partir dos clássicos da virada para o século XX, não se trata de trazê-las à baila exclusivamente para questionar o cânone. Entretanto, o questionamento do cânone incorre necessariamente num reconhecimento de que esses teóricos não foram fundadores da Sociologia e estavam décadas distante do fato, além de, bem antes deles, mulheres teóricas e outros teóricos atuaram ativamente para o desenvolvimento da ciência Sociologia.

No que diz respeito às obras das teóricas do período fundacional ou de institucionalização da Sociologia como ciência e disciplina, muito claramente se tratam de obras que enriquecem o modo

AUTORIA: SUBSTANTIVO FEMININO

como consideramos a Sociologia, em sua história, metodologias e como produção de conhecimento acerca da sociedade. Considerá-las corresponde a reescrever o modo como a Sociologia foi criada, fundada e se desenvolveu, o que é fundamental para o conhecimento deste campo hoje. Além disso, reposiciona a teoria produzida em relação aos temas que foram naturalizados como característicos do século XIX, quando, na verdade, estes se referem apenas a uma parcela da produção escrita em parte deste período histórico (por homens, ocidentais, brancos e heterossexuais, no final do século XIX e início do XX), com escolhas e recortes claramente definidos pelo que conheciam da realidade social e como julgavam as instituições e espaços sociais, também ocupados por negros, mulheres e toda uma diversidade social, política e étnica que a grande maioria destes autores ignorava.

Partilhamos aqui do entendimento de que as obras que foram excluídas do rol (consideradas como inexistentes) devem ser revisitadas, reconsideradas a partir do princípio da pluralização como forma de teste dos limites colocados à identidade disciplinar.

A título de conclusão, importa destacar que alguns elementos são recorrentemente confundidos quando abordamos o tema em pauta. Clássica, clássico e cânone são os primeiros destaques, como abordado anteriormente, seguidos por história da Sociologia, teoria sociológica, pensamento social ou teoria social. Tratar estes conceitos da forma devida é uma necessidade lógica para que possamos criar critérios claros e objetivos que permitam um diálogo aberto pautado em argumentos passíveis de serem refutados ou não. Na medida em que a atitude é refratária, alegando revisionismo ou ignorando a questão por “respeito à recepção”, agimos antissociologicamente nos recusando a pensar acerca de como funciona a produção e reprodução do conhecimento sociológico, negando a diversidade de agentes envolvidos neste processo, a ampla documentação histórica disponível e blindamos e reproduzimos uma narrativa acerca da fundação da Sociologia que não corresponde aos fatos e forjou o mito que supostamente nos daria uma identidade. Talvez por receio de que a identidade colapse ao descobrirmos que dos muitos mitos que investigamos como cientistas sociais, entre eles, se encontre o mito sobre a constituição do nosso próprio campo. Todavia, essa também é uma oportunidade para repensar a história da Sociologia e constituir uma identidade compatível com a realidade de sua produção

AUTORIA: SUBSTANTIVO FEMININO

plural, considerando a sociedade e seus agentes em suas diversas facetas.

Referências bibliográficas:

ALATAS, Syed Farid e SINHA, Vineeta. **A teoria sociológica para além do cânone**. 2023. São Paulo: Editora Funilaria.

ALCÂNTARA, Fernanda H. C. Harriet Martineau (1802–1876): a analista social que inaugurou a Sociologia. **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, v. 47, n. 03, p. 01–17, 2021.

———. O nascimento da observação social sistemática com Harriet Martineau. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v. 17, n. 01, p. 176–190, 2022.

ALEXANDER, Jeffrey C. A importância dos clássicos. In: GIDDENS, Anthony e TURNER, Jonathan (orgs). **Teoria social hoje**. São Paulo: UNESP, 1999, p. 23–89.

ARANGO, Luz Gabriela. ¿Tiene sexo la sociología?. **Revista Sociedad y Economía**, Cali, n. 8, p. 159–186, 2005. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=99616178006>

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2020. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. 2014. Petrópolis: Editora Vozes.

BURAWOY, Michael. Why is classical theory classical? Theorizing the canon and cannonizing Du Bois. **Journal of Classical Sociology**, Londres, v. 21, n. 3–4, p. 1–15. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1468795X211036955>

CARVALHO, Layla Pedreira e Stefan, KLEIN. Contribuições para o ensino de teoria e história da sociologia: reflexões sobre o presente e propostas desde o Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia**, Rio Grande do Sul, v. 11, n. 27, p. 103–132, 2023.

CASTILLO, Juan José. Pasión y oficio: Beatrice Webb en la fundación de la Sociologia. **Reis**, Madrid, n. 93, p. 183–187, 2001.

CASTRO, Celso (org.). **Além do cânone**. 2022. Rio de Janeiro: Editora FGV.

AUTORIA: SUBSTANTIVO FEMININO

CONNELL, Raewyn W. Canons and colonies: the global trajectory of sociology. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 67, p. 349–367, 2019.

———. Why is classical theory classical?. **The American Journal of Sociology**, Chicago, v. 102, n. 6, p. 1511–1557, 1997.

DAFLON, Verônica Toste e CAMPOS, Ribeiro Luna. **Pioneiras da Sociologia: mulheres intelectuais nos séculos XVIII e XIX**. 2022. Niterói: Eduff.

DAFLON, Verônica Toste e SORJ, Bila (org.). **Clássicas do pensamento social: mulheres e feminismos no século XIX**. 2021. Rio de Janeiro: Editora Record/Rosa dos Tempos.

DEBIA, Eliana. Notas sobre violencia de género y enseñanza de la sociología clásica en la universidad nacionales públicas argentinas. **De Prácticas y discursos. Cuadernos de Ciencias Sociales**, Resistencia, v. 8, n. 12, p. 287–307, 2019. Disponible en: <http://dx.doi.org/10.30972/dpd.8124038>

DEBIA, Eliana, OZAMIZ, Andrea e LOBATO, Sabrina. Los aportes de Flora Tristán y Marianne Weber a la formación del pensamiento sociológico clásico. **Socio Debate Revista de Ciencias Sociales**, Buenos Aires, v. 2, n. 4, p. 46–75, 2016.

DEEGAN, Mary Jo. **Women in sociology: a bio-bibliographical sourcebook**. 1991. Westport: Greenwood Press.

DUFOIX, Stéphane. A larger grain of sense: making early non-Western sociological thought visible. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 37, n. 3, 2022, p. 861–884, 2022. <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202237030005>

———. Quando o captor é cativo: ensinar a Sociologia do Sul no Norte? **Revista Brasileira de Sociologia**, Rio Grande do Sul, v. 11, n. 27, p. 23–48, 2023, <https://doi.org/10.20336/rbs.948>

ESTERMANN, Victoria e DEBIA, Eliana. Marianne Schmitzer Weber y el feminismo alemán de principios del siglo XX. **Andamios**, México, v. 20, n. 52, p. 133–157, 2023. <https://doi.org/10.29092/uacm.v20i52.1001>

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 2017. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz&Terra.

GARCIA, José Luís Garcia e MARTINS, Hermínio (orgs). **Lições de Sociologia**. 2019. Lisboa: Edições 70.

AUTORIA: SUBSTANTIVO FEMININO

GRÜNING, Barbara e SANTORO, Marco. Is there a canon in this class?, *International Review of Sociology*, Roma, v.31, n.1, p.7–25, 2021. DOI: [10.1080/03906701.2021.1926674](https://doi.org/10.1080/03906701.2021.1926674)

GÜERCA TORRES, Raquel. Claves para una sociología feminista. In: Blazquez Graf, Norma y Castañeda Salgado Martha Patricia (coords.) *Lecturas críticas en investigación feminista*. México: UNAM, 2016. p. –123.

HARAWAY, Donna. *Ciencia, cyborgs y mujeres. La reinención de la naturaleza*. 1991. Madrid: Cátedra.

HEILBRON, Johan. *O nascimento da sociologia*. 2022. São Paulo: EDUSP.

HENNEMANN, Natasha e LESSA, Fabiana. *Filósofas: O legado das mulheres na história do pensamento mundial*. 2022. São Paulo: Maquinaria Editorial.

HILL, Michael R. An introduction Harriet Martineau's Lake District Writings. In.: MARTINEAU, Harriet. *An independent woman's Lake District Writings*. New York: Humanity Books, 2004.

HILL, Michael R. e HOECKER-DRYSDALE, Susan. *Harriet Martineau: theoretical and methodological perspectives*. New York: Routledge Lengerman, 2001.

HOLZHAUSER, Nicole. Große Männer, keine Frauen. Wer in den Sozialwissenschaften zum Klassiker wird. Interview zum Deutschlandfunk. Donnerstag, 27. Juli 2023. Disponível em: <https://www.deutschlandfunk.de/sozialwissenschaften-klassiker-100.html>

HOLZHAUSER, Nicole. Quantifying the exclusionary process of canonisation, or How to become a classic of the social sciences. *International Review of Sociology*, London, v. 31, n.1, p. 97–122, 2021. DOI: [10.1080/03906701.2021.1926673](https://doi.org/10.1080/03906701.2021.1926673)

LENGERMANN, Patricia M. y NIEBRUGGE, Gillian. *Fundadoras de la sociología y la teoría social 1830–1930*. 2019. Madrid: CIS.

MAIA, João. Ensinando a partir do Sul: novos diálogos entre a História da Sociologia e a Teoria Sociológica (introdução). *Revista Brasileira de Sociologia*, Rio Grande do Sul, v. 11, n. 27, p. 5–22, 2023.

MARTINEAU, Harriet. *Como observar: morais e costumes*. 2021. Governador Valadares: fernandahcalcantara.

AUTORIA: SUBSTANTIVO FEMININO

MEUCCI, Simone. Os primeiros manuais didáticos de sociologia no Brasil. **Estudos de Sociologia**, v. 6, n. 10, 2001. Disponível em: periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/184

NAVARRO-FOSAR, María-Rocío. Harriet Martineau y *Household Education* (1849): ensanchando el canon sociológico histórico. **Atlânticas Revista Internacional de Estudios Feministas**, v.6, n.1, 2021.

OLIVEIRA, Amurabi. Ampliando os clássicos da Sociologia a partir de Ibn Khaldun (1332–1406). **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 11, n. 27, p. 81–102, 2023.

SANTANA, Selena Aldana. La historia de la Sociología: si no te la contaron violeta, no te la contaron completa. **Acta Sociológica**, México, n. 81, p. 59–95, 2020. Disponible en: <https://doi.org/10.22201/fcpys.24484938e.2020.81.77669>

SANTANA, Selene Aldana (coord.). **La participación femenina en la sociología clásica**. México, UNAM, 2021.

VIEIRA DA MATA, Giulle. O liberalismo político de Marianne Weber. In: CAMILLOTO, Bruno Arantes et. al. (Org.). **O problema do conceito de liberalismo**. 1ª ed. São Paulo: Contracorrente, 2023 p. 39–47.

VIEIRA DA MATA, Giulle. Dominação racional legal na sociologia do direito de Marianne Weber. Apontamentos. In: BREILLA, et. al. (Org.) **A atualidade de Max Weber e a presença de Marianne Weber**. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2021, p. 67–74.